



4380 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

ESCRITORA ALAGOINHENSE E SEUS GRITOS REVOLUCIONÁRIOS EM PROL DA EDUCAÇÃO: ALECRIM DO TABULEIRO (MARIA FEIJÓ)

Maria José de Oliveira Santos - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

ESCRITORA ALAGOINHENSE E SEUS GRITOS REVOLUCIONÁRIOS EM PROL DA EDUCAÇÃO: ALECRIM DO TABULEIRO (MARIA FEIJÓ)

A Historiografia da Literatura Brasileira divide-se em dois momentos: antes e pós-escrita produzida pelas mulheres. Em meio a este contexto escrevi o Projeto Histórico-Cultural: História Literária Alagoinhense (1988) para visibilizar a escritora Maria Feijó, que escreveu entre 1970, 1971 e 1972 o livro de trinta crônicas, **Alecrim do tabuleiro**, publicado no Rio de Janeiro (1972), ressaltando conflitos educacionais de meado do século XX, daí debater-me no seguinte problema: a escola pode ser considerado um centro de divulgação do patriarcado? A pesquisa traz à tona a escritora que construiria uma história revolucionária na tentativa de melhorar as condições do cenário educacional local. A fundamentação teórica foi orientada pelas teóricas: Alves, 2002; Fagundes, 2005; Lajolo e Zilberman, 1988; Passos, 2002. Maria Feijó carregou o estigma de ser baiana e interiorana, daí ser impedida de ingressar no cânone, permitido apenas aos homens. Feijó, inquieta, muda-se para o Rio de Janeiro, onde estranha o comportamento das mulheres dos pensionatos por onde passou, pois carrega ranços da cultura patriarcal.

Palavras-chave: Maria Feijó. Gênero. Educação.

ESCRITORA ALAGOINHENSE E SEUS GRITOS REVOLUCIONÁRIOS EM PROL DA EDUCAÇÃO: ALECRIM DO TABULEIRO (MARIA FEIJÓ)

INICIANDO...

Maria Feijó, em suas crônicas sugere fatos sobre sua vida transcorrida, principalmente entre Alagoinhas e Rio de Janeiro, onde faleceu (1918-2018). Este texto resulta de um estudo crítico da vida da autora a partir da leitura de **Alecrim do Tabuleiro** (1972), que, mesmo não tendo compromisso com a história real fornece pegadas basilares de uma trajetória vital, sobretudo sua vida e conflitos de professora primária. Trata-se de um texto escrito por uma mulher que publicou seus primeiros poemas em periódicos diversos, utilizando-se de pseudônimos como Marijó, Moreninha Bamba, Geisha, Gladys, Senhora e Suzete. Intelectualmente, Feijó tinha uma luta voltada tanto no campo literário como na área da educação (regime vigente).

No século XVIII, a burguesia, preocupada com sua ascensão alia-se a grupos religiosos, assumindo o papel de preparadores das novas gerações, que necessitavam de lições sobre o lar e a família. Feijó demonstrava um comportamento reservado ao deparar-se com situações que considerava fora dos seus padrões. Entretanto, quando morava em Alagoinhas era considerada avançada para sua época e isto foi um dos motivos que a levou a mudar-se para o Rio de Janeiro. Ao chegar à capital do Brasil deparou-se com comportamentos nunca vistos e passou a rejeitar o comportamento das mulheres das pensões por onde passou. Neste sentido, Elizete Passos (1999) enfatiza que a sociedade baiana comungava da educação do sexo feminino, pois as mulheres precisavam ser educadas para desempenhar a função de mãe. Assim, os valores religiosos estão ligados, considerando-se a educação como um instrumento eficaz para a manutenção dos paradigmas vigentes:

[...] não sou do século XXI. Não gosto de pornografia, em especial, dita ou escrita por mim. Leio até, ouço por aí a cada passo andado, em teatro, televisão, cinema; vejo cenas, as piores se necessário.
[...] Agora, eu não. Gosto de tudo o que me agrada a mim mesma: [...] (FEIJÓ, 1988, p. 27).

VIDA CONFLITUOSA DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA

O saber é eterno e universal, meu jovem, e a educação não é mais privilégio de uns e, sim, OBRIGAÇÃO DE TODOS. Tudo o mais é ilusão. Passageiro. Transitório. (FEIJÓ, 1972, p. 57) [...].

Maria Feijó formou-se no Magistério pela Escola Normal de Alagoinhas, exercendo a profissão em Senhor do Bonfim, Santo Amaro da Purificação, Aramari e Alagoinhas, começando daí sua defesa em prol do setor educacional do município. Em 1949, começou a surgir na professora o desejo de lecionar para crianças e fazer um curso técnico de Biblioteconomia. Logo, partiu para Salvador em busca desta

realização:

Foi no ano de mil novecentos e quarenta e nove, ano da ressurreição da Bahia, comemorando os seus quatrocentos de existência. Foi, sim, nesse ano de tão históricas e imorredouras comemorações, neste ano de redenção, que também tive a minha, descobrindo dentro de mim o magistério primário - minha profissão básica por excelência, sempre querida e afagada -, a causa buscada e ansiada laboriosamente pelos meus longilíneos ideais, sem saber mesmo seu nome... (FEIJÓ, 1972, p. 89).

Maria Feijó morou, durante parte de sua juventude, em confortável sítio em Alagoinhas, mas não se manteve distante das questões políticas que envolviam o município – sofreu influência da mãe, ativa, mesmo antes de exercer o direito ao voto. Posteriormente, sua mãe tornou-se membro do prestigiado “trio político feminino” da cidade: “Mais tarde, já a mulher lhe era facultado o direito do ‘privilegio masculino’: votar. E minha mãe tornara-se uma fervorosa opositora, acompanhando papai que, por sua vez, seguia, à risca, a linha política do Dr. Bião, santinho do Riacho, etc.” (FEIJÓ, 1972, p.15). Decorre deste envolvimento familiar que a escritora envolveu-se na política pedagógica e seus desdobramentos.

Na sua história de professora primária foi vítima de perseguição política manifestada através de sucessivas transferências a cidades distantes por ser uma pessoa com temperamento determinado pelos seus objetivos:

(Nessa hora o ‘Departamento de Educação’ andava depressa, despachando os papéis...) professora não tinha vez, nem vontade. Era teleguiada. Eu mesma sofri na pele, alta perseguição, transferida segundo quiseram que eu fosse, para lugares nunca dantes povoados, muito pior, em se tratando de professora. Isto porque, sempre fui teimosa e não conseguia esconder minhas simpatias... Achava que a democracia era isto: livre escolha e nada mais. Logo... (FEIJÓ, 1972, p. 16).

Este comportamento inquieto atribui a Maria Feijó relevante posição local no que concerne às questões educacionais, e, conforme Fagundes (2005, p. 160): “A escola como espaço de socialização e de produção, se constitui como *lôcus* privilegiado de construção e legitimação das identidades de seus atores”. A segurança com que Feijó agia diante dos conflitos era obtida através da educação recebida, pois acreditava que a transformação do ser humano se dá a partir da família e da escola. Daí, seu desejo em tornar-se professora primária e contribuir para uma sociedade democrática composta por cidadãs/os defensores dos seus ideais:

Todavia, professores como éramos, não podíamos manifestar muito nossa opinião. Muito, não. Nem um pouco. Nem muito, nem pouco. Nada. Se assim procedêssemos, mesmo longe da escola, a perseguição, em forma de transferência, não tardava: parece que vinha... a jato. (FEIJÓ, 1972, p. 16).

Feijó inspirava-se nas suas professoras quando cursava as séries iniciais e isto alimentou seu desejo de ser professora primária. Assim, as experiências vivenciadas na juventude, como o dia da árvore, por exemplo, tornava-se uma oportunidade para ela e suas colegas saírem vestidas de camponesas supervisionadas pela professora em busca de um local apropriado para plantar árvores em celebração ao dia:

[...] no dia 21 de setembro, saíamos em fila, com a alegria nos olhos e alvorada nos sorrisos, de estarmos vestidas de camponesas, com todos os aparatos para o plantio da árvore [...] A professora resolvia procurar as ruas mais arredias da cidade, onde, de antemão, pedia ao Sr. Prefeito a devida vênua, a fim de plantar a citada árvore, e a prefeitura reservava o local a ela destinado. (FEIJÓ, 1972, p. 68).

Ela possuía um exacerbado sentimento de amor à pátria e aos bens morais, os quais externavam nas aulas de Educação Moral e Cívica. Em Aramari, logo que chegou à escola, o Diretor a advertiu através do Delegado Escolar, afirmando que as datas cívicas eram comemoradas naquele local:

Ora! Senhor delegado escolar – quase lhe respondi – logo a quem o senhor vem dizer isto! (é porque não me conhece!...) se não posso ouvir o hino nacional, que não sinta vibrar em mim toda brasilidade trazida dos longes do meu curso primário, desde tenra infância,... (FEIJÓ, 1972, p. 50).

Para Elizete Passos, (2002) os ideais pedagógicos que permearam o século XX estavam carregados de ensinamentos fomentadores das qualidades morais e, dentre essas, as mais importantes eram a religiosidade e o patriotismo. Este, a partir da década de 40 passou a ser ainda mais valorizado, sobretudo quando no país permeou um clima de guerra e à educação coube o papel de transmissora dos valores nacionalistas com o objetivo que a população não causasse impedimento no cumprimento do dever patriótico. Às mulheres cabia a transmissão desses valores, tanto nos lares quanto nas escolas: “A mentalidade da educadora [...] via nisso os princípios morais dos indivíduos. Ser patriota, defender e reverenciar a pátria era um dos mais altos indícios de padrões morais elevados [...]” (PASSOS, 2002, p. 229).

Maria Feijó procurava estimular nas jovens o desejo em ser professora e as aconselhava a segui-la, deixando claro que o homem não desempenha nenhuma função na educação escolar das/os filhas/os. Para ela, esse era papel exclusivo da mãe, que, em conjunto com a professora, formaria o perfil educacional da criança – a relação mulher-mãe-professora resulta de um pensamento concebido a partir

do século XIX. Feijó vislumbrava o ensino primário, relacionando-o ao papel de "esposa-mãe", moldável ao "senso maternal". Logo, para exercer essa profissão é necessário vocação, já que o amor à arte se faz necessário para suportar "os espinhos do ofício": "[...] em tudo isso, uma ressalva: por vocação mesmo, profissão de fé, sacerdócio muito sério, amor à arte para aguentar os espinhos. Preparação psicológica e física (e... por que enganar? financeira também para a luta encetada)". (FEIJÓ, 1972, p. 24).

Maria Feijó carrega do Curso Primário a base de sua formação educacional de onde busca em experiências e práticas pedagógicas o compromisso da formação integral de suas alunas. No decorrer da carreira jamais esqueceu as lições herdadas dos professores: "E os ensinamentos dos [...] mestres não foram esquecidos: da escola primária, da escola normal. Tudo o que recebi, apliquei; procurava aplicar, de maneira [...] válida para que também se impregnasse na alma de meus alunos [...]" (FEIJÓ, 1972, p. 87).

Enquanto professora primária demonstrou interesse pela propagação do ensino em sua cidade. Diversas vezes enfatizou a importância da educação, chegando a transmitir uma mensagem pela Rádio Emissora de Alagoinhas (31.12.1972) endereçada as/os jovens, estimulando ações voltadas ao crescimento da cidade: "O saber é eterno e universal, meu jovem, e a educação não é mais privilégio de uns e, sim, OBRIGAÇÃO DE TODOS. Tudo o mais é ilusão. Passageiro. Transitório. (1972, p. 57). E continua: "Só a educação faz um povo totalmente feliz. Ela é a religião das raças em todos os tempos." (FEIJÓ, 1972, p. 105).

Outro aspecto destacado na narrativa é o período de férias para a professora no seu recanto familiar. O texto evoca um tempo em que as férias aconteciam regularmente no verão e as pausas eram "descansáveis":

Férias alongadas você terá (pelo menos mais do que em qualquer outra profissão), momentos de aula com intervalos descansáveis para a devida pausa repousante, necessária [...]. Mas em casa [...] à sua vontade, até mesmo servindo de uma sadia higiene mental. (FEIJÓ, 1972, p. 23).

Os valores da sociedade patriarcal impetravam o caminho das prendas domésticas e o cumprimento das tarefas de esposa e mãe. E isto porque, a partir do século XIX, já começa uma militância no sentido de estimular a educação feminina com o argumento de que seria essa a condição essencial para estabilizar a vida familiar no Brasil, bem como, fomentar o progresso da nação.

Segundo Lajolo e Zilberman (1996) a campanha favorável à educação da mulher acompanhava-se de outra necessidade: destiná-la ao Magistério – idealiza-se a professora, chamando-a de mãe, compreendendo a escola como a continuação do lar e continuaria fiel à sua natureza maternal. Nessas condições a tarefa de ensinar não comprometia e nem ameaçava a divisão social entre mulher e homem, já que era considerada uma extensão das funções domésticas. Deste modo, destinar a mulher ao ensino justificava a necessidade de educá-la e solucionava a falta de mão-de-obra para o Magistério, já que era uma profissão pouco procurada por ser mal remunerada – o exercício do Magistério não escandalizou as bases machistas da sociedade patriarcal brasileira, permanecendo intocada e idealizada a associação mulher-esposa-mãe, mesmo em exercício escolar. A sala de aula convergia-se em segundo lar, sustando qualquer possibilidade de emancipação, haja vista que a atividade escolar não escandalizava as bases machistas da sociedade patriarcal brasileira. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996).

Para Fagundes (2002, p. 233) o fato de a mulher possuir afinidades com crianças convergem para profissões desqualificadoras:

A educação da mulher no lar e na escola vem servindo para reforçar esses estereótipos ligados ao gênero feminino, fazendo com que a conciliação dos papéis de educadora com os de esposa e de mãe tenha se tornado uma obrigação estimulada na mulher pela sociedade, que vem atravessando os tempos.

COMENTÁRIOS FINAIS

Maria Feijó de Sousa Neves, apesar de ter participado ativamente de movimentos incomuns às mulheres de sua época, traz ranços de uma cultura patriarcal, que determina o lugar da mulher dependente de orientações masculinas. Sob essa estrutura foi educada, por isto, ao tempo que seu impulso revolucionário era instigado, suas raízes conservadoras a reprimiam. Maria Feijó indignava-se com os acontecimentos educativo-pedagógicos em Alagoinhas e se manifestava publicamente e este comportamento a conduziu a diversas punições políticas. Mulher, escritora e professora eram (e ainda são em menor escala) predados inaceitáveis a quem pretendia (pretende) galgar um lugar na sociedade prestigiada. Deste modo, as ideias surgidas a partir de **Alecrim do Tabuleiro** devem ser analisadas criteriosamente, pois é de fundamental importância perceber que as linhas de suas crônicas possibilitaram significativa reflexão na construção da exclusão da mulher, escritora e professora.

REFERÊNCIAS

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. (Org.). **Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero**. Salvador: Helvécia, 2002.

FEIJÓ, Maria. **Alecrim do tabuleiro**. Rio de Janeiro: Max, 1972.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

PASSOS, Elisete Silva. **Palcos e platéias – as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: Edufba, 1999. (Coleção Bahianas, 4).

PASSOS, Elizete Silva. Imagem da moda na cultura contemporânea. In: **Crenças morais de uma educadora**. Núcleo de Estudos interdisciplinares sobre a mulher FFCH/UFBA. (Coleção Bahianas, 7).